

Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005

Quebra dos votos de pobreza: trajetórias e heranças dos monges beneditinos do Rio de Janeiro (século XVIII)*

Jorge Victor de Araújo Souza
Mestrando – UFRJ

Se possuir quaisquer bens, ou os distribua antes aos pobres, ou, por solene doação, os confira ao mosteiro, nada reservando para si de todas essas coisas: pois sabe que, deste dia em diante, nem do próprio corpo terá poder.

(Regra de São Bento, capítulo 58).

Em 1581, no quarto Capítulo da Congregação do Mosteiro de São Bento de Lisboa, ficou decidido que seriam mandados monges¹ para a cidade de Salvador, onde fundariam o primeiro mosteiro da América Portuguesa². No mesmo século quatro outros mosteiros foram instalados³. Localizado em um monte rente a Bahia de Guanabara e de frente para a ilha das Cobras, o mosteiro do Rio de Janeiro, dedicado à Nossa Senhora de Montesserate, foi instalado em 1586 e elevado à abadia em 1596. Segundo seus cronistas a sesmaria aonde se fixou pertencia a Manoel de Brito.

Essa comunicação visa a tecer reflexões sobre a transmissão de heranças dos monges beneditinos no Rio de Janeiro do século XVIII, partindo de um corpo documental específico – o *Dietário dos monges falecidos neste mosteiro*. Em nossa pesquisa buscamos

* O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

¹ O termo monge advém do grego *monachós* que significa solitário, uma palavra que corresponde ao ideal monástico medieval, ou seja, a “fuga do mundo” de forma individual. Aos poucos a idéia deste termo foi se amalgamando a de outro de origem latina também de raízes medievais – *coenobitas* – que significa o indivíduo que leva vida retirada, mas em comum com outros que possuem os mesmos princípios. Cf. LITTLE, Lester K. Monges e religiosos. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude (Org.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru/SP: EDUSC, 2002. pp. 225-241.

² Arq. São Bento do Rio de Janeiro - Estande B Prateleira 8 - Atas do 4º Cap. Geral (1581) fl. 60.

³ Rio de Janeiro (1585), Olinda (1590), Paraíba (1596) e São Paulo (1598). Cf. BOSCHI, Caio. As missões no Brasil. In: BETHENCOURT, F. CHAUDHURI, K. (dir.). *História da expansão portuguesa*. Navarra: Círculo de Leitores, 1998. v.2. p.399.

trabalhar com o método prosopográfico muito bem definido pelo historiador inglês Lawrence Stone⁴.

O mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro constitui uma microssociedade que articula em seu interior uma teia de relações e costumes muito peculiares em relação ao restante da sociedade colonial. Em 1763 essa instituição contava em seus quadros com cinqüenta monges sacerdotes, seis coristas e três donatos⁵. Ao longo do século XVII o mosteiro foi agregando diversas posses de terras que foram oferecidas como doação, assim ocorreu com os engenhos de Nossa Senhora do Desterro, de Jacarepaguá, terras na cabeceira do Rio Guandu em vargem Grande, em Vargem pequena e em Camorim⁶.

No decorrer do século XVIII, o mosteiro foi adquirindo vários terrenos e diversas casas ao seu redor, sendo o principal responsável pela urbanização na área da Prainha e na do Morro da Conceição (ver mapas 1 e 2). Fania Fridman realça que, no início do século XVIII, o ganho com os aluguéis urbanos superavam os obtidos pelas fazendas⁷. Muitas destas casas e terrenos foram adquiridos através de heranças dos monges.

O *Dietário do mosteiro* é um código de quatrocentas e quarenta e oito páginas que se encontra no Arquivo do mosteiro do Rio de Janeiro. Ele descreve o resumo de alguns acontecimentos assim como partes das vidas dos monges que viveram e faleceram no mosteiro entre os anos de 1629 a 1799. Um dos monges que o escreveram foi Frei Paulo da Conceição Andrade natural do Rio de Janeiro e falecido em 1778, os demais são desconhecidos. Sua principal função era perpetuar a memória dos membros da comunidade, tecendo elogios. Mas apesar do tom marcadamente exultante das vidas, podemos retirar indícios úteis para reconstruir as trajetórias, graças ao estilo sem redundâncias em que é escrito. Neste documento, encontramos preciosas informações sobre a transmissão de heranças dos monges que beneficiavam principalmente o mosteiro.

A boa morte

Na iconografia beneditina é constante um ideal da representação da finitude da vida - a morte acompanhada. Isso é o que podemos ver, por exemplo, no painel *A Morte de São Jócio*, atribuído a frei Ricardo do Pilar, e que reveste a abside da igreja do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Essa idealização da morte é advinda da própria hagiografia do

⁴ Cf. STONE, Lawrence. Prosopography. In: _____. *The past and the present revisited*. London/New York: Routledge & Kegan Paul, 1987.

⁵ Cf. LUNA, D. Joaquim G. de. *Os monges beneditinos no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1947, p.115.

⁶ Cf. FRIDMAN, Fania. A Propriedade Santa: o Patrimônio Territorial da Ordem de São Bento na Cidade do Rio de Janeiro. IN: _____. *Donos do Rio em nome do Rei – Uma história da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Garamand, 1999, p 60.

⁷ *Ibidem*, p. 66.

santo patriarca, pois, segundo Gregório Magno, seu biografo, São Bento foi assistido por seus discípulos em seus últimos instantes.

A idéia da boa morte em um mosteiro era, portanto, aquela que se realizava entre os irmãos, como destacou George Duby, “ninguém morria só: o trespasso era um ato menos privado que quase todos”⁸. Podemos notar isto muito bem ao analisarmos o *Dietário dos monges*. Nele transbordam expressões demonstrativas da importância de se morrer entre os seus e de preferência com os sacramentos, como por exemplo, na passagem referente a Frei Veríssimo do Rozario, natural do Porto e administrador das fazendas de Maricá, Cabo Frio e Campos, que “dispensado já do trabalho pelos seus anos, e moléstias se recolheu ao Mosteiro para morrer entre os religiosos” no ano de 1771⁹.

A morte acompanhada também facilitava os trâmites que ocorriam após os ofícios dos mortos, ou seja, os processos de heranças.

As heranças no Dietário

A trajetória de frei Custodio da Asumção, morto em 1714, é uma das mais interessantes encontradas no dietário. Este monge, natural de Braga, professou seus votos no Mosteiro de Olinda, no entanto, por causa de aborrecimentos, foi transferido para São Paulo, onde com a licença de um padre visitador geral passou para as Minas. Já estava estabelecido quatorze anos como mineiro no Rio das Velhas, tinha vinte escravos e engenho de fazer aguardente, quando se meteu em uma briga entre seus escravos e uns capitães do mato, e acabou levando um tiro fatal. Após sua morte, o Mosteiro do Rio se desentendeu com o de São Paulo para decidir de onde Frei Custodio era coventual. O mosteiro fluminense acabou vencendo a pendenga, mas teve uma decepção ao levantar os bens de frei Custódio. No dietário, vemos que pouco se aproveitou de seu espólio, o mesmo que estava acontecendo com outros monges falecidos em Minas¹⁰.

O frei Jubilado Cristóvão de Cristo, natural do Rio de Janeiro e filho do Capitão Cristóvão Lopes Leitão e Mariana de Soberal, segundo o dietário “ambos nobres, ricos e virtuosos”, teve um destino menos trágico. Estudou no Mosteiro do Rio, onde tornou-se Mestre de noviços e ascendeu ao grau máximo na hierarquia monástica – tornou-se Abade, governando entre o triênio de 1685 a 1688. Quando frei Cristóvão morreu, em 1716, com setenta e cinco anos de idade, o mosteiro recebeu da legítima de seus pais cinco contos e

⁸ Cf. DUBY, George. Convívio. In: _____ (Org.). *História da vida privada. Vol. 2. Da Europa Feudal à Renascença*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p.65.

⁹ Cf. Dietário dos monges de São Bento, In: *Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Abbadia Nullius de N.S do Monteserrate – O seu histórico desde a fundação até ao anno de 1927*. Rio de Janeiro. 1927. p. 187.

¹⁰ Cf. *Dietário dos monges de São Bento*. Op. cit. p.147.

setecentos e tantos mil reis, contando com um engenho de nome Moriquipari que foi vendido posteriormente¹¹.

Outro descendente da elite fluminense foi frei Jacinto da Trindade, filho do Capitão João Correa da Silva e Elena da Silva Cabral que, como informa o Dietário, eram “nobres do mais distintos da terra”. Frei Jacinto professou no próprio mosteiro do Rio no ano de 1664 e tornou-se Mestre de noviços e administrador das fazendas de Campos, Maricá e Vargem. O mosteiro recebeu seu espólio, em 1721, que contava com terras em Maricá, chamadas Barras Vermelhas e um curral de gado em Campos.

Nem sempre o espólio do monge que ficava para o mosteiro era proveniente de sua legítima familiar. Muitas vezes encontramos no Dietário casos em que o próprio monge acumulava riquezas e deixava sua herança para a instituição. Nesse sentido, podemos dizer que ia de encontro com um dos três votos que fazia ao entrar na Ordem – o voto de pobreza?

Esse foi o caso de frei Roberto de S. Jerônimo que, após seus estudos, conseguiu um breve de Roma para assistir fora do mosteiro e comprar umas terras em Maricá. Ao morrer em 1727, o mosteiro ficou com suas fazendas¹². Outro caso interessante é o da trajetória de Frei Luis do Rozario, natural de S. João da Foz, que viveu retirado com quatorze escravos nas terras do Iguassú, onde fabricou uma olaria. Em 1735, se recolheu no mosteiro e morreu entre os seus, aumentando o cabedal da instituição¹³.

Frei Ignácio do Rozario, falecido em 1747, natural do Porto, preferiu investir no ramo imobiliário. Depois de ter trabalhado como mordomo, sacristão e conventual da Casa de Santos, conseguiu do Núncio um Breve para viver fora da clausura. Com seu pecúlio adquiriu uns terrenos e casas do Campo de S. Domingos aonde aumentou o número de imóveis¹⁴.

Apesar do Dietário informar que os monges que morriam em Minas não deixaram um bom espólio, como vimos na vida de frei Custodio da Assumpção, uma exceção aparece na trajetória de frei João da Conceição Cunha, natural de Braga e falecido em 1756. No Dietário vemos que o frei:

foi um dos que depois de ordenado Sacerdote e feito pregador andou pelas Minas Gerais logo no seu descobrimento quando elas abundavam de ouro; e soube adquirir um grosso pecúlio que sempre conservou ainda na viagem e demora que teve no Reino. (...) Além do dinheiro liquido, que foram oito mil e

¹¹ Cf. *Dietário dos monges de São Bento*. Op. cit. p. 148.

¹² Cf. *Dietário dos monges de São Bento*. Op. cit. p. 155.

¹³ Cf. *Dietário dos monges de São Bento*. Op. cit. p.160.

¹⁴ Cf. *Dietário dos monges de São Bento*. Op. cit..169.

quinhentos cruzados descontada sua terça, e esmolas, ficarão umas casas de dois sobrados, e seis terras em várias ruas, que ainda hoje dão bom rendimento pela sua situação¹⁵.

Frei Constantino da Piedade era natural do Porto e morreu em 1758 quando, carregado de moléstias, foi recolhido pelo Prelado para o mosteiro - “para morrer entre os religiosos”. Este monge morou no mosteiro de São Paulo e esteve em Minas. Comprou uma fazenda no rio Inhumirim, onde vivia em retiro. Essa fazenda que ficou para o mosteiro foi vendida por seis mil cruzados.

Mas nem só boas heranças deixavam os monges. A administração do mosteiro, às vezes, tinha que ser muito perspicaz para não adquirir dívidas ao invés de um bom espólio, como o que aconteceu após a morte de frei Francisco de S. Miguel, natural do Rio de Janeiro e filho de Domingos Roiz Lisboa e Joanna de Araujo. Músico e administrador da fazenda de Maricá, onde residiu por vinte anos, frei Francisco faleceu em 1728, deixando duas rendosas casas térreas de sua legítima materna. Porém, o mosteiro por desconfiar da situação da legítima paterna, decidiu abrir mão do terreno no trapiche da Prainha que ficou para Ordem Terceira de São Francisco¹⁶.

Menos sorte ainda teve o mosteiro com a herança de frei Antonio de Santa Catarina. Ao morrer de asma em 1793, com a avançada idade de 80 anos, deixou:

alguns bens de raiz , como foram duas moradas de casas na rua direita, no canto que volta para S. Pedro, e uma chácara na ponte de pedra, em terras pertencentes a fabrica da Sé. Destes bens, que o mosteiro herdara, houve de fazer desistência pelos embaraços que em sua vida tinha feito, cerca deles, o D. Abade por conselho de Letrados, passaram a ausentes por estarem conteúdos estes bens no testamento do pai do D. Abade do qual ele tinha sido (ilegível), e como tinha o Abade irmãos vivos, e ausentes, julgou-se mais conveniente, que esses herdeiros se encarregassem das dívidas, e embaraços que deixara o defunto Abade.

Os parentes dos monges, muitas vezes, representavam o principal obstáculo nas transferências das heranças. Frei Domingos do Rozario nasceu no Rio de Janeiro e aqui

¹⁵ Cf. *Dietário dos monges de São Bento*. Op. cit. p.172.

¹⁶ Cf. *Dietário dos monges de São Bento*. Op. cit. p. 157.

faleceu no ano de 1735, antes de completar quarenta anos, quando o mosteiro recebeu a legitima de seus pais. Frei Domingos especificou em seu testamento que parte desta herança seria destinada para se dourar o frontispício da capela-mor, o que foi feito apesar da insistência de seu cunhado, Lourenço Antunes Vianna, que queria ficar com tudo.

Reciprocidade

O historiador Antônio Carlos Jucá de Sampaio ao analisar as formas não mercantis de acumulação e transmissão de riqueza na sociedade do Rio de Janeiro entre 1650 e 1750 chamou a atenção para o caso de Francisco de Seixas, falecido em 1730. Ele tinha uma dúzia de filhos e se esforçou para evitar a dispersão de seu cabedal. Em seu testamento, deixou uma avultada soma para que seu filho, João de Seixas da Fonseca, monge beneditino, se tornasse Bispo. Sampaio demonstrou muito bem que existia uma “clara estratégia de ascensão social” nesta família, a partir dos casamentos e do investimento feito para que João de Seixas fosse bispo¹⁷.

Por outro lado, podemos inferir que o mosteiro também lucrava muito com a entrada de filhos da elite em seus quadros¹⁸. Do mesmo João de Seixas, o dietário informa que foi Bispo de Areopoli e que morreu em 1758, com 67 anos de idade, e que :

o Mosteiro recebeu de seu espolio perto de três mil cruzados em dinheiro, liquido da despesa de seu funeral, e legados: uma boa livraria, ainda que pequena, vários escravos, e gado que se retiraram de sua fazenda da Bica, a qual se vendeu por quatro mil cruzados, que os deixou como legado, no patrimônio da Capela de N. Madre S. Gertrudes, a quem sempre venerou com especial culto, concorrendo todos os anos com avultadas esmolas para a sua festa¹⁹.

¹⁷ Cf. SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de. A produção política da economia: formas não-mercantis de acumulação e transmissão de riqueza numa sociedade colonial (Rio de Janeiro, 1650-1750). In: *Topoi: Revista de História*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ/ 7 letras, 2004, volume 4, número 7, jul-dez, 2003, pp. 302-303.

¹⁸ Uma tradição antiga que remonta pelo menos ao tempo de São Bento é a entrega dos filhos de nobres aos mosteiros para serem educados. Em uma passagem da vida de São Bento destaca-se a entrega de dois discípulos pelos seus pais – Mauro e Plácido.

¹⁹ Cf. *Dietário dos monges de São Bento*. Op. cit. p. 176.

Na Regra de São Bento está muito claro que os monges deveriam se livrar da posse de bens materiais: “Se possui quaisquer bens, ou os distribua antes aos pobres, ou, por solene doação, os confira ao mosteiro, nada reservando para si de todas essas coisas: pois sabe que, deste dia em diante, nem do próprio corpo terá poder”²⁰. Ao entrar na ordem, o jovem noviço deveria ser desrido de suas vestes seculares, em um ritual em que a humildade era o foco principal. A historiadora Evelyne Patlagean destaca que desde a antiguidade

o monge não deve possuir nada de seu e tem de permanecer definitivamente ligado ao mosteiro que escolheu. Antes de tomar o hábito, faz seu testamento, se é o caso, e às vezes paga sua entrada, mas a seguir vive, em princípio, de seu trabalho na comunidade – ou seja, muito freqüentemente, das rendas do mosteiro²¹.

No dietário temos poucas demonstrações de uma vivência realizada na pobreza, como a que vemos na trajetória de frei Martinho da Conceição, músico natural do Rio de Janeiro, falecido em 1739. Este monge viveu alguns anos em “Minas Gerais visitando a sua irmã Andreza de Jesus; e nem por isso adquiriu cabedais, porque sempre viveu pobre”²².

Quebra dos votos de pobreza?

A questão da quebra do voto de pobreza dependerá da interpretação dada por cada comunidade aos modos de obtenção e utilização de suas riquezas. Como muito bem salientou George Duby, na Idade Média, a moeda teve uma importância crescente na administração dos bens monásticos e o destaque era o modo de vida da comunidade cluniacense. Os monges de Cluny tinham como principal preocupação a magnificência da celebração do ofício litúrgico, empregando grandes somas para essa finalidade²³.

Ao levantarmos as heranças dos monges presentes no Dietário do mosteiro, notamos uma certa tolerância por parte da instituição em relação ao enriquecimento de seus membros. Alguns monges apenas repassavam o que era seu por direito das “legitimas dos paes”, outros deixavam os frutos de uma vida dedicada ao aumento de cabedais. Ambos os

²⁰ Cf. BENTO. *Regra de São Bento*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1992. p. 125.

²¹ Cf. PATLAGEAN, Evelyne. *Bizâncio – Séculos X-XI*. In: VEYNE, Paul (org.) *História da Vida Privada – Vol. 1 – Do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 562.

²² Cf. *Dietário dos monges de São Bento*. Op. cit. p. 163.

²³ Cf. DUBY, Georges. *Guerreiros e camponeses – Os primórdios do crescimento econômico (Séculos VII-XII)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

casos não eram restritamente encarados pela comunidade como quebra de votos, principalmente por causa de uma antiga tradição monástica, a de que, “individualmente, os monges não tinham direito de possuir nada, mas a riqueza coletiva não estava submetida a nenhuma restrição. Ao contrário e, paralelamente, à coerência do ritual, a riqueza servia de indício de força e vitalidade da devoção religiosa”²⁴.

²⁴ Cf. LITTLE, Lester K. Monges e religiosos. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude (Org.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru/SP: EDUSC, 2002. p. 234.



Mapa 1 – Patrimônio territorial e immobilário do Mosteiro de São Bento na cidade do Rio de Janeiro (1651-1750). Fonte: BARREIROS, E. C. *Atlas da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro: Ensaio, 1565/1965*. Rio de Janeiro: IHGB, 1965.



Mapa 2 – Patrimônio territorial e imobiliário do Mosteiro de São Bento na cidade do Rio de Janeiro (1750-1850). Fonte: BARREIROS, E. C. *Atlas da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro: Ensaio, 1565/1965*. Rio de Janeiro: IHGB, 1965.

Tabela 1 – Monges beneditinos no Rio de Janeiro falecidos e que possuem herança registrada no Dietário (século XVIII). Fonte: Dietário dos monges de São Bento. In: *Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – Abbadia Nullius de N.S do Monteserrate – O seu histórico desde a fundação até ao anno de 1927*. Rio de Janeiro. 1927.

Nome	Natural	Filiação	Ofício/ Título	Ano da morte	Idade
Agostinho de Sta. Maria	RJ		Músico	1709	
Custodio da Asumpsão	Braga		Mestre de obras/mineiro	1714	
Christovão de Christo	RJ	Capitão Christovão de Christo e Marianna de Soberal ambos nobres ricos e virtuosos	Professor e mestre de noviços. Abade	1716	75
Cypriano de S. Bento	RJ	Antonio Gonçalves da Cunha e Tereza de Jesus		1719	
Jacinto da Trindade	RJ	Capitão João Correa da Silva e Elena da Silva Cabral, ambos ricos, nobres e dos mais distintos desta terra; e era seu irmão Julião Rangel	Mestre de noviços e adm. de faz.	1721	
Rozendo do Rozario	RJ			1726	70
Roberto de S. Jerônimo	Porto			1727	
Marçal de S. João	RJ	Domingos Roiz Lisboa e Joanna de Araujo	Músico, adm. Faz.	1728	
José do Nascimento	RJ		Músico	1733	
Francisco de S. Miguel	Recife		Adm. Faz.	1734	
Domingos do Rozario	RJ	Domingos Vieira		1735	Antes dos 40
Luiz do Rozario	S. João da Foz		Oleiro	1735	
Martinho da Conceição	RJ		Músico	1739	
Ignácio do Rozario	Porto			1747	
João da Conceição Cunha	Braga		Abade de S. Paulo	1756	
João Seixas da Fonseca Borges	RJ	Francisco de Seixas da Fonseca e Maria da Rocha Fiuza	Bispo de Areopoli	1758	67
Constantino da Piedade	Porto		Adm. Faz.	1758	
João do Rozario	RJ		Formado em Coimbra em Teologia	1761	87
Francisco do Nascimento	RJ			1768	
Francisco de S. José	Valença do Minho	D. Simão Pereira de Castro e de D. Thereza Brandão de Castro	Adm. Faz. Abade	1771	70
D. Antonio do Desterro Malheiro	Vianna de Lima	Ventura Malheiro Reimão e D. Páscoa Pereira Ferras	Bispo	1773	79
Antonio de Sta. Catarina	RJ		Músico Abade	1793	80

Bibliografia

- AZZI, Riolando. Ordens religiosas masculinas. In: HOORNAERT, Eduardo (Coord.). *História da Igreja no Brasil* (2 Vols.). Petrópolis: Editora Vozes, 1992.
- BARREIROS, E. C. *Atlas da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro: Ensaio, 1565/1965*. Rio de Janeiro: IHGB, 1965
- BENTO. *Regra de São Bento*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1992.
- BOSCHI, Caio. As missões no Brasil. In: BETHENCOURT, F. CHAUDHURI, K. (dir.). *História da expansão portuguesa*. v.2.. Navarra: Círculo de Leitores, 1998.
- CONDE, Antonio Linage. *São Bento e os beneditinos – Tomo III*. Braga: Instituto de São Bento da Porta Aberta, 1992.
- DUBY, George. Convívio. In: _____(Org.). *História da vida privada. Vol. 2. Da Europa Feudal à Renascença*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. pp. 52-68.
- DUCKETT, Eleanor S. *Gateway to the middle Ages: monasticism*. Michigan:University of Michigan Press, 1998.
- _____ *Guerreiros e camponeses – Os primórdios do crescimento econômico (Séculos VII-XII)*. Lisboa. Editorial Estampa, 1998.
- ENDRES, D. José Lohr. *A ordem de São Bento no Brasil quando província (1582-1827)*. Salvador: Editora Beneditina, 1980.
- FRIDMAN, Fania. A Propriedade Santa: o Patrimônio Territorial da Ordem de São Bento na Cidade do Rio de Janeiro. IN: _____. *Donos do Rio em nome do Rei – Uma história da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Garamand, 1999.
- GALVÃO, Ramiz. *Apontamentos históricos do mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1872.
- HOURLIER, Jacques. Les Bénédictins. In: LE BRAS, Gabriel (Dir.) *Les Ordres Religieux. La vie et l'art*. Paris: Flammarion, 1979.
- LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude (Org.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru/SP: EDUSC, 2002.
- LITTLE, Lester K. Monges e religiosos. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude (Org.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru/SP: EDUSC, 2002.
- LUNA, D. Joaquim G. de. *Os monges beneditinos no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1947.
- MAGNO, Gregório. *Vida e milagres de São Bento. Livro Segundo dos Diálogos*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Christi, 1986.
- PATLAGEAN, Evelyne. Bizâncio – Séculos X-XI. In: VEYNE, Paul (org.) *História da Vida Privada – Vol. 1 – Do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

ROCHA, Mateus Ramalho. *O Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro (1590-1990)*. Rio de Janeiro: Stúdio HMF, 1991.

SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de. A produção política da economia: formas não-mercantis de acumulação e transmissão de riqueza numa sociedade colonial (Rio de Janeiro, 1650-1750). In: *Topoi: Revista de História*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ/ 7 letras, 2004, volume 4, número 7, jul-dez, 2003. pp. 302-303.

STONE, Lawrence. Prosopography. In: _____. *The past and the present revisited*. London/New York: Routledge & Kegan Paul, 1987.